

BUBER E BAUMAN: A DEPENDÊNCIA VIRTUAL E SUAS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES SOCIAIS.

Paulo Roberto da Silva¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo abordar a problemática da dependência virtual e suas implicações nas relações sociais à luz de Martin Buber e Zygmunt Bauman. Para tanto, foi-se necessário contextualizarmos a origem da dependência, a qual está presa aos efeitos da globalização e do consumismo desenfreado do século XXI. Frente a todo esse desenvolvimento tecnológico e virtual, o homem contemporâneo encontra-se em uma sociedade fluída, inconstante e inovadora a todo tempo, o forçando assim, acompanhar todo esse avanço. Contudo, há perdas. Todo esse avanço tem proporcionado ao homem a propagação de uma cultura do descartável e tão logo, a liquidez de suas relações; fazendo-o também, inconstante, inovador e promovendo o desaparecimento de suas bases. Frente a esta realidade tem-se observado que todo esse desenvolvimento tecnológico e virtual tem promovido a substituição do relacionamento presencial pelo virtual, gerando assim, a própria dependência e a desconfiguração do próprio homem. Prova disto são as possíveis patologias psiquiátricas e sociais decorrente da dependência, bem como, o surgimento de uma nova configuração de sociedade, a qual é denominada e marcada pelo cansado e pelo desempenho/performance; além inclusive, de ocorrer formas de violências que assolam a sociedade. E por fim, concluo com a filosofia de Martin Buber, na qual se apresenta como um possível caminho de retorno ou saída dessa dependência virtual, uma vez, que este se faz necessário inicialmente para realizar o reconhecimento do outro como pessoa, tornando-se possível quando se há reciprocidade e diálogo.

Palavras-chaves: Dependência virtual. Liquidez das relações. Patologias. EU-TU. Reciprocidade e diálogo.

Sumário

Sumário: 1. Introdução 2. A origem da dependência virtual e sua liquidez nas relações sociais. 3. A dependência virtual e o mundo do “Isso”: implicações e efeitos 4. Retorno ao diálogo e a reciprocidade: possibilidade do reconhecimento do TU como caminho de superação da dependência virtual. 5. Conclusão. 6. Referências.

¹Pós-graduado em Educação para Ensino Superior pela Centro Claretianos e graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade de Lorena. E-mail: probertinho12@hotmail.com

1. Introdução

Sabe-se que o homem contemporâneo se encontra mergulhado e inserido em uma sociedade global plenamente virtual e tecnológica, no qual baseia suas relações sociais e atividades do cotidiano ao uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) e as mídias. Este processo se iniciou com a chegada da globalização, dando a possibilidade de conforto, agilidade, interatividade e o encurtamento de distâncias. Contudo, frente aos inúmeros benefícios que a globalização juntamente com a própria virtualidade tecnológica tenha dado a vida humana, observa-se que este mesmo homem vem cotidianamente utilizando em excesso, substituindo algumas funções específicas a ele, e atribuindo ou redimensionando-as às máquinas. Mediante a isto, ainda se soma a inserção recente no rol da Organização Mundial da Saúde (OMS) junto a Organização das Nações Unidas (ONU), a dependência virtual como doença do século XXI, no qual junto a ela decorrem outras inúmeras implicações.

Após todos estes dados e constatações, este artigo busca responder se a humanidade globalizada caminha para esta dependência, e se sim, quais são as devidas implicações nas suas relações sociais, e por fim, quais são os caminhos para um possível retorno ou superação. Para isto, utilizou-se de dois autores principais que se complementam. O primeiro, o sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman, em que aborda a liquidez e a fluidez causada pela era da modernidade, bem como, algumas implicações frente a isto. Tão logo, o filósofo Martin Buber, nos ajuda a compreender o relacionamento do homem contemporâneo com o chamado “mundo do ISSO”, assim denominado pelo autor. Emprega da sua própria filosofia como um dos possíveis caminhos de superação da dependência virtual. Para tanto, delimitamos o campo de atuação desta pesquisa. Busca-se abordar as realidades dos usuários dependentes das TIC's e mídias, e não do todo dos usuários comuns ou corriqueiros, se assim pode-se afirmar.

Diante desta problemática proposta, salienta-se o quanto a globalização proporcionou fluidez à vida humana, bem como, as TIC's e mídias, e o quanto isto transcorre às dimensões morais, políticas, sociais relacionadas ao homem contemporâneo, o que ocasiona a liquidez das relações humanas e a cultura do descartável. Tal liquidez das relações

e a cultura do descartável perpassam pela ótica do homem dependente virtual em reduzir a natureza, o outro e possivelmente Deus, em um objeto ou uma coisa, esvaziando “todo” o reconhecimento possível e merecido que ambos possuem frente a sua existência. Mediante a esta realidade, buscou-se relacionar as eventuais e possíveis implicações que afetam ou corroboram prejuízos nos relacionamentos sociais do dependente virtual. Os apontamentos referidos neste trabalho não têm como objetivo esgotar ou determinar os possíveis riscos ou patologias ao dependente virtual e sim, evidenciar que há patologias psíquicas como: depressão, suicídio, fobia social e etc.; e até mesmo, patologias sociais e formas de violências como: tecnoestresse, *sexcasting*, *cyberbullying* e etc., que estão segundo dados e pesquisas diretamente ligados a dependência virtual, e que estes “fenômenos” contribuem inclusive para formação de possíveis perfis de sociedade, tais como, do cansaço e do desempenho ou performance.

Por fim, aponta-se por meio dessa pesquisa um caminho possível de resgate desse homem contemporâneo virtual para uma realidade presente e sadia. Para tanto, o caminho apresentado é inicialmente a necessidade do reconhecimento da natureza, do outro e de Deus frente a sua própria existência, possibilitando assim, este mesmo homem dependente reconhecer-se. Algumas ferramentas são utilizadas para esse processo de reconhecimento, no qual perpassa pelo diálogo e pelo princípio de reciprocidade, no qual torna o homem dependente capaz de ter amor pela natureza, o outro e a Deus, possibilitando por fim, a se reconhecer mais humano do que objetivação de uma máquina.

2. A origem da dependência virtual e sua liquidez nas relações sociais.

Para muitos pesquisadores e estudiosos a origem da dependência virtual possui suas raízes na globalização. Para tanto, Bauman nos afirma que a palavra globalização rapidamente torna-se em todos nós um lema, uma ordem, um encantamento mágico, no qual abre portas para todos “[...] os mistérios presentes e futuros”. (BAUMAN, 1999, p. 07).

Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível, é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo “globalizados” – e isso significa basicamente o mesmo para todos. (BAUMAN, 1999, p. 07).

Para tanto, a globalização vem sendo realizada desde o final do século XX e possui

como um dos seus pilares, a realização e promoção de uma integração entre o homem e o mundo global, por meio dos avanços tecnológicos, sejam eles no âmbito comunicacional, informacional, econômico e etc.

Contudo, sabemos que a globalização não é um conceito totalmente novo no século XXI, mas talvez, suas implicações e benefícios sim; contudo, estes cotidianamente sofrem transformações e mutações na vida do ser humano, proporcionando o desenvolvimento humano e do seu meio social, econômico, político, cultural e tecnológico.

Outros, no entanto, afirmam que “[...] globalização é política, tecnológica e cultural, tanto quanto econômica. Foi influenciada acima de tudo por desenvolvimento de sistemas de comunicação [...]”. (GIDDENS, 2002, p.21); e é nesse momento em que podemos definir que o homem se torna um possível usuário, e posteriormente, dependente da globalização.

Contudo, pode-se afirmar que uma das marcas mais notórias da globalização e do período moderno, é sem dúvida o surgimento da rede de computadores nos Estados Unidos da América, possibilitando assim a internet ser acessível a mais de 50 milhões de pessoas em quatro anos de avanço, e tão logo, esta invenção ganharia todo o globo.

Através da internet, a comunicação ganhava um novo horizonte, ou seja, o da comunicação eletrônica instantânea, na qual aspirava novos patamares, não sendo apenas “[...] um meio pelo qual notícias ou informações são transmitidas mais rapidamente. Sua existência altera a própria estrutura de nossas vidas, quer sejamos ricos ou pobres”. (GIDDENS, 2002, p. 22), tornando-nos mesmo que previamente e inesperadamente uma sociedade estritamente alucinada por esta comodidade, possivelmente dependente e consumista das informações e de outros benefícios da própria globalização.

Hoje em pleno século XXI nos afirma Bauman, que nossa sociedade está mergulhada em um consumismo desenfreado, levando o homem frente a todo esse processo de globalização trocar o seu papel de inventor (produtor) depositado a ele na “velha” sociedade moderna, para ganhar hoje uma efetiva condição de consumidor. (BAUMAN, 1999), ou seja, onde “tudo” e “todos” podem ser consumidos, inclusive sua própria existência, tornando-se assim, uma coisa mercadológica.

Consequentemente, as tecnologias estão hoje inerentes a nós, e podemos afirmar que o homem tornou-se dependente desse consumo, uma vez que permitiu-se trocar os papéis, tornando-se aos poucos um “escravo tecnológico”. Cabe-se ainda dizer, que as

ferramentas tecnológicas conseguem definir o nível de satisfação de suas necessidades, de promover o esquecimento, e não mais o aprendizado; de promover vazios e de causar inúmeras influências em seu comportamento social, bem como, a sua própria coisificação e objetivação material.

Essa coisificação apontada por Bauman, muito se atribui a mobilidade da informação e da comunicação, características marcantes da globalização, tendo como objetivo não mais satisfazer as necessidades, desejos e vontade, mas “[...] a comodificação ou recomodificação do consumidor: elevar a condição dos consumidores à de mercadorias vendáveis”. (BAUMAN, 2008, p. 76). Em outras palavras, vivemos em um mundo que é veloz, onde

[...] o comércio é rápido, as informações trafegam instantaneamente e a competitividade assume as características de verdadeira prova de velocidade. É necessário, mais do que nunca, antecipar-se ao outro e ocupar todos os espaços. Essa mudança irreversível e os profissionais vencedores, na nova e grande economia, têm que se posicionar individualmente no meio social, muito mais pelo conhecimento e pela informação que detenham, do que quaisquer habilidades ou convicções. (RODRIGUES; OLIVEIRA; FREITAS, 2001, p.103).

Esta por sua vez, conseguiu vencer as barreiras físicas e corpóreas, possibilitando “[...] a informação instantaneamente disponível em todo o planeta, tanto na teoria como na prática”. (BAUMAN, 1999, p. 22), contudo, toda essa mobilidade exagerada presente hoje em nosso cotidiano, faz com que ocorra a liquidificação de das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, tornando-as expostas, levando-as a uma plena fluidez, sem padrões de referências ou solidez, diluídas e possivelmente esvaziadas de suas identidades, mediante a cultura do digital.

Prova dessa mudança estrutural social é a frequente presença de homens e mulheres incessantes, intensos e melindrosos, mergulhadas por um inesgotável desejo de consumo, provocado certamente pela mobilidade da informação e comunicação e mídias, na qual desperta no homem o desejo de necessidade.

Há também outro ponto muito preocupante, e que cresce a cada dia em nossa sociedade, o medo pelo outro. Este medo está travestido por uma solidão física e também existencial, no qual o sentido de vida, de liberdade e de comunidade sofrem também interferências.

Tudo isto, evidencia que há uma crescente separação e distanciamento social, no qual tornam-se hoje, estratégias de sobrevivência frente à crescente liquidez global das estruturas sociais e humanas da “selva de pedra”, a sociedade globalizada.

Isto posto, o autor nos informa que constantemente somos atraídos pelo consumismo, por meio de mecanismos e sistemas nos quais nos fazem “[...] acumuladores de *sensações*; colecionadores de *coisas* [...]”. (BAUMAN, 1999, p. 91), não nos permitindo ter descanso, caindo assim, em uma insistente insatisfação, no qual nos levará a cada vez mais a consumir, típica característica dos integrantes do primeiro mundo, denominados como os de mobilidade global, e tão logo, aos poucos nos tornar fluídos e descartáveis.

Por fim, a globalização em sua estrutura possibilita ao homem contemporâneo obter grandes avanços e benefícios, contudo, parece-nos que são instrumentalizados, ludibriando o próprio homem, promovendo nele sua dependência involuntária, ou até, mesmo voluntária e consciente, o tornando mera coisa ou instrumento do círculo consumidor, promovendo cada vez mais, o isolamento, a alienação e a indiferença das classes. A globalização e a era do digital conseguiu produzir um crescente isolamento, traduzido por solidão, entre homens e mulheres, que no fundo provoca e desperta a falta do sentido da vida; levando-os a uma cultura exibicionista, no qual o verdadeiro sentido e valor estão no que é aparente e não no próprio ser, ou seja, promovendo a liquidificação da própria identidade.

E com isto, podemos novamente concluir a afirmação que o homem contemporâneo, não se vê longe dos benefícios da globalização, e que tão logo, as tecnologias de informação e comunicação e mídias exercem na verdade bem mais do que interação entre pessoas, e sim visa “[...] muito mais ao poder e à dominação [...]” (RODRIGUES, OLIVEIRA; FREITAS, 2001, p. 104), sendo esta uma dos grandes desejos e mudanças na relação do homem com o mundo.

2.1. A liquidez das relações sociais mediante a dependência virtual.

Embora já tenha evidenciado que as tecnologias de informação e comunicação e mídias são objetos da dependência virtual do homem contemporâneo, pode ainda assombrar em nosso interior a seguinte pergunta: Essas tecnologias de informação e comunicação e mídias podem ser viciantes e causadoras de dependências?

Assim sendo, como forma de eliminar quaisquer que sejam as dúvidas sobre esta

interrogativa, afirmamos que sim. Observa-se principalmente em muitos jovens a necessidade de conectividade com as diversas ferramentas digitais, as quais proporcionam a estes um conforto, confiança e saciedade, elementos estes, que revigoram nocivamente e atuam como entorpecentes. Contudo, afirmamos, que

Tentando entender o quanto é importante a conectividade das mídias para os jovens em todo o mundo, foi realizado um experimento global em 2011, com 1.000 estudantes universitários de 10 países nos 5 continentes. Foi solicitado aos jovens que ficassem por 24 horas sem mídias eletrônicas. A resposta foi intensa e com notável consistência em todo o mundo:

- “Eu literalmente não sabia o que fazer comigo.” (Reino Unido)
- “Eu me senti sozinho como se estivesse dentro de uma pequena gaiola numa ilha.” (China)
- “Às vezes eu me senti como se estivesse morto.” (Argentina)
- “Eu fiquei me coçando como um viciado porque não podia usar o meu telefone.” (Estados Unidos)

As mídias interativas *online* estavam tão integradas à vida desses jovens, durante todos os momentos, que eles perderam o contato com a vida de outras maneiras:

- “As mídias são a minha droga; sem elas eu estaria perdido.” (Reino Unido). (RICH, 2013, p. 40-41).

Estes por sua vez, são os dependentes de quem tanto falamos, ou seja, são àqueles homens e mulheres que necessitam dessa conectividade ou interatividade para constituírem o seu próprio ser, abrindo mão assim, de “[...] oportunidades sociais e até mesmo das refeições com a família e amigos [...]” (RICH, 2013, p. 41), apresentando irritabilidade frente a possibilidade de estarem *off-line*.

Mediante ao contexto apresentado, podemos validar o argumento que estamos caminhando para uma “escravidão” digital, se obviamente já não estivermos nela, não de forma tão doentia; caminhamos para uma liquidez humana das relações, onde é crescente o desprezo pela sua existência social, e um apelo para sua existência virtual, tornando-o frio, cada vez mais artificial, características essas da “[...] globalização da indiferença [...]”. (CNBB, 2016, p. 45), a qual nos faz correr o sério risco “[...] de perder a capacidade de chorar com quem chora, mas também de nos alegrar com quem se alegra (Rm 12, 15)”. (CNBB, 2016, p. 45), tornando-nos a cada dia mais insensíveis.

As tecnologias de informação e comunicação e mídias favorecem para a liquidez das relações humanas, tornando-as fluídas, ou seja, sem profundidade, superficiais e cada vez mais virtuais.

Esta por sua vez, impossibilita manter a sua forma, levando e estando sempre em mudança, com facilidade. Assim, fez a modernidade e tão logo, o mundo digital, modificando, modulando o homem, tornando-o a cada dia líquido, quase impossível de solidificar o que de fato o é. O mundo digital advindo com a modernidade estabeleceu no homem o desejo de leveza, ou seja, “[...] “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância [...]” (BAUMAN, 2001, p. 09); tornando-o ligeiro, mas também frio; vazio e por muitas vezes, irreconhecível.

O derretimento dos sólidos humanos na verdade é consequência da modernidade, uma vez que, com o advento dos avanços tecnológicos e da própria filosofia adotada, buscam promover ao homem uma aparente liberdade, e o primeiro alvo são as relações sociais. Essa liquidez das relações provoca uma “[...] desintegração social [...]”. (BAUMAN, 2001, p. 23) que tem como foco o “[...] desengajamento e a arte da fuga”. (BAUMAN, 2001, p. 23). Tal desengajamento e fuga buscam fazer com que esse homem se torne mais fluído, no qual tenha liberdade, onde o “[...] o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas”. (BAUMAN, 2001, p. 23), conferindo a ele toda mobilidade e liberdade, eliminando de si também todos os limites éticos e morais.

Tal ambição e iniciativa vêm tornando o homem contemporâneo insensível para com o outro, uma vez que cresce a cada dia a cultura do descartável, no qual com um simples toque/clique elimino-o, desprezo-o, descarto-o e o jogo fora da minha existência, crescendo assim, o individualismo. Podemos afirmar categoricamente, que o homem e a própria modernidade têm favorecido para com que o homem se torne objeto/coisa de consumo, compra e venda; elementos estes, que são fortalecidos pelos meios digitais, nos quais o OUTRO se torna constantemente objeto de consumo, prazer e interesse econômico, político e social.

A cultura do descartável promovida pela modernidade líquida refletida nos meios digitais fortalece o homem para uma superficialidade das relações humanas; pois hoje cresce a visão de que os laços humanos são como peças de automóvel, que não precisam ser consertadas e sim trocadas, ou seja, descartadas; desprezando a possibilidade do convívio, do diálogo e da comunicação; desprezando a possibilidade do homem ser que o é, não se ludibriando por inverdades virtuais nas quais não possuem correspondência com a realidade.

Isso ocorre plenamente hoje com a ajuda dos meios digitais, basta-nos pegar as redes sociais e visualizar o uso exagerado da estética, ou até mesmo o crescente aumento dos perfis *fakes*; meios de substituição das imperfeições humanas, nas quais correspondem a um perfil imposto pela sociedade. As indústrias do cinema e da moda promovem cotidianamente a promoção do descarte humano, pautando exclusivamente nos padrões estéticos. São as inúmeras formas de descartes humanos ocorridos em nossa sociedade, que conseqüentemente buscam se equalizar nos moldes e padrões exigidos, despertando ainda mais o homem para o consumo e para a alienação, tudo em nome de uma aceitação social.

Contudo, reforça-nos Bauman, da necessidade de olhar para a integralidade humana, ou seja, a interioridade do homem; fazendo e despertando suas capacidades interiores a se aflorem, deixando de ser vistos como possibilidade de compra/venda, e sim como homem. Tal movimento da ação humana está preso a essa fluidez da vida, no qual o mais importante hoje é o aqui e o agora, onde os sólidos são derretidos aos poucos, para dar espaços a uma nova flexibilidade. Portanto, as relações sociais terão esse reflexo, no qual

[...] laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a serem consumidas, e não produzidas; estão sujeitas aos mesmos critérios de avaliação de todos os outros objetos de consumo. [...] é, em vez disso, uma questão de obter satisfação de um produto pronto para consumo; se o prazer obtido não corresponder ao padrão prometido e esperado, ou se a novidade se acabar junto com o gozo, pode-se entrar com a ação de divórcio, com base nos direitos do consumidor. Não há qualquer razão para ficar com um produto inferior ou envelhecimento em vez de procurar outro “novo e aperfeiçoado” nas lojas. (BAUMAN, 2001, p. 205).

Por fim, sabe-se que mediante a esse contexto de imprevisibilidade e flexibilidade, os seres humanos e o mundo apresentam-se sempre como uma possibilidade de consumo, ou seja, produtos; evidente nos dias atuais, mediante as inúmeras transformações e alterações naturais. Contudo, toda essa flexibilidade seja na consolidação do mundo ou nas relações humanas, garantem ao homem também a possibilidade da solidão e semelhantes patologias; pois a precariedade social caminha para encontrarmos pessoas cada vez mais inseguras e irritadas; pessoas intolerantes “[...] com qualquer coisa que funcione como obstáculo a seus desejos; e como muitos desses desejos serão de qualquer forma frustrados, não há escassez de coisas e pessoas que sirvam de objeto a essa intolerância”. (BAUMAN, 2001, p. 206). Encontraremos pessoas instantâneas, movidas a mobilidade, a interatividade e conectividade,

ou seja, consumo, nas quais terão somente como refúgio uma satisfação instantânea e superficial, sendo esta a

[...] a única maneira de sufocar o sentimento de insegurança (sem jamais saciar a sede de segurança e certeza), não há razão evidente para ser tolerante em relação a alguma coisa ou pessoa que não tenha óbvia relevância para a busca da satisfação, e menos ainda em relação a alguma coisa ou pessoa complicada ou relutante em trazer a satisfação que se busca. (BAUMAN, 2001, p. 206).

Caminhamos possivelmente para o caos da insaciabilidade, onde o egoísmo reine, “[...] fantasma que atormentou a espécie humana em todos os períodos de sua história, “seca as sementes de todas as virtudes” [...]”. (BAUMAN, 2001, p. 264); onde o individualismo se perpetue, secando assim, “[...] “a fonte das virtudes públicas” [...]”. (BAUMAN, 2001, p. 264), tornando-os violentos, racistas, intolerantes, xenofóbicos, autodistantes e sós.

“Indivíduos frágeis” destinados a conduzir suas vidas numa “realidade porosa”, sentem-se como que patinando sobre o gelo fino; e “ao patinar sobre gelo fino”, observou Ralph Waldo Emerson em seu ensaio “*Prudence*”, “nossa segurança está em nossa velocidade”. Indivíduos, frágeis ou não, precisam de segurança, anseiam por segurança, buscam a segurança e assim tentam, ao máximo, fazer o que fazem com a máxima velocidade. Estando entre corredores rápidos, diminuir a velocidade significa ser deixado para trás; ao patinar em gelo fino, diminuir a velocidade também significa a ameaça real de afogar-se. Portanto, a velocidade sobe para o topo da lista dos valores de sobrevivência. (BAUMAN, 2001, p. 260).

A dependência virtual é sumamente bem caracterizada pela citação acima, uma vez que estes imersos nesse universo consumista e exigente encontram integralmente sufocados, contudo, sem tempo para retornar, pagando assim, um preço muito alto psicologicamente, frente a uma sociedade plenamente competitiva e “estereotizada”.

Isto posto, terminamos este capítulo acenando para a necessidade de averiguarmos essa patologia social, a dependência virtual como reflexo da modernidade, pois “[...] diagnosticar uma doença não é o mesmo que curá-la – essa regra geral vale tanto para os diagnósticos sociológicos como para os médicos”. (BAUMAN, 2001, p. 266); ou seja, devemos não somente identificar e sim, buscar resolvê-la, pois “[...] está doente a sociedade que deixa de se questionar [...]”. (BAUMAN, 2001, p. 266). Portanto, nos próximos capítulos

trataremos de identificar de forma mais profunda as consequências dessa dependência virtual nas relações humanas, e tão logo, buscar meios e caminhos de respostas.

Conclui-se que a dependência virtual além de promover a liquidez das relações sociais, ela também possibilitará nos deparar no futuro com patologias sociais e psiquiátricas, bem como, o aparecimento de um novo perfil de sociedade, no qual esteja presa ao contexto da globalização e do capitalismo, levando por sua vez, o homem a experimentar o vazio, promovendo assim, a cultura do descartável, instrumentalizando as suas relações, tornando-se cada vez mais, mergulhado no egoísmo, na superficialidade, na indiferença e na insensibilidade. Prova disto, que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) também descreve os efeitos plausíveis dessa globalização e consumismo, apontando para o surgimento de homens que além de individualistas, promovem: satisfação pessoal e a indiferença pelo outro: uma oferta de satisfação individual dispensando a relação com o outro como imperativo ético, e “[...] naturaliza a indiferença em relação às necessidades e direitos do outro”. (CNBB, 2016, p. 46); supremacia do desejo em relação às necessidades: onde o desejo satisfeito se identifica como necessidade e assim, “dispensa o discernimento do que é necessidade básica e o que é complementar ou supérfluo”. (CNBB, 2016, p. 47); domínio da aparência em relação à realidade: onde a linguagem estética que “[...] oferece felicidade pela via da beleza nos diferentes produtos [...]” (CNBB, 2016, p. 47) dispensando a “[...] pergunta ética pela veracidade e pela bondade real das coisas que são adquiridas”. (CNBB, 2016, p. 47); inclusão perversa: onde todos os indivíduos “[...] são incluídos no mercado dos produtos “novos” e “bons” que oferecem, com suas marcas, não somente a felicidade, mas também *status social*, na medida em que tornam todos “iguais” [...]”. (CNBB, 2016, p. 47), e acabam por esconder frente a essa igualdade ilusória as “[...] diferentes posições sociais, que na prática excluem grande número deles”. (CNBB, 2016, p. 47); e a falsa satisfação: os produtos, meios e tecnologias tendem a oferecer um bem-estar e felicidade, porém “[...] são por si mesmos efêmeros, como são os desejos humanos jamais satisfeitos plenamente. Nesse sentido, trata-se de uma oferta que não realiza o que promete aos sustentar a última necessidade [...]”. (CNBB, 2016, p. 47), ou seja, até o momento em que tiver que dar espaço a outra necessidade.

3. A dependência virtual e o mundo do “ISSO”: implicações e efeitos

Sabendo agora que a dependência virtual tem como possível raiz a globalização e o consumismo exagerado do século XXI, e que as tecnologias de informação, comunicação e mídias de certa forma acopladas a elas proporcionam constantemente a liquidez das relações sociais segundo Bauman, podemos assim, aproximá-lo de Martin Buber, no qual nos apresenta o mundo do “ISSO” e sua forma de relação com o homem.

Martin Buber apresenta-nos o mundo do “ISSO” como o mundo das coisas, objetos e afins, meios pelos quais possam ser manipulados, ou em uma visão de Bauman, coisificado. Mediante a isto, pode-se observar em nossa sociedade contemporânea que exatamente este aspecto, ou seja, cresce em nosso meio a manipulação ou coisificação pelo homem, mantendo íntima relação com este mundo do “ISSO”, que por sinal, em muitos dos casos é mediado pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC’s) e mídias, fazendo com que cresça no homem esta dependência pelo virtual.

Para tanto, sabe-se que o relacionamento humano por vezes tem sido fragilizado por esta dependência, pois afinal, o que era relação humana tornou-se relação virtual. Contudo, para Buber o homem é um ser de relação, o qual é constituído de uma pluralidade que se estabelece por meio do relacionamento com a natureza, o outro e Deus; possibilitando-o assim, torná-lo pleno e realizado frente a esta função. O filósofo ainda nos evidencia que todo esse relacionamento se dá por meio do diálogo, o qual possibilita promover encontro consigo, com o outro e com Deus.

Buber além de nos evidenciar que esta relação se dá de forma dialógica com o TU, ou seja, com a natureza, o outro e Deus, ainda nos explicita que a relação com o mundo do “ISSO”, ou seja, das coisas, se dá de forma posteriormente, no qual a torna-se uma “[...] experiência objetivante EU-ISSO”. (BUBER, 1974, p.17).

Contudo, frente a um mundo líquido e fluído, onde a presença da liquidez nas relações tem sido forte juntamente com a cultura do descartável, as relações mediadas por estas redes virtuais tem se tornado cada dia mais artificial e superficial; pois afinal, o homem contemporâneo vem aos poucos promovendo a inversão da cultura do encontro pela cultura do encontro virtual, ou seja, vem substituindo ou estimulando a troca do relacionamento existencial, face a face pelo relacionamento virtual. Isto talvez reflita claramente que além da comodidade oferecida pela globalização, o homem contemporâneo esteja priorizando o mundo do “ISSO”, ou seja, tornando-se a cada dia dependente destas tecnologias (TIC’s),

para que depois e talvez, possa aprofundar esse relacionamento dialógico com o TU. Cresce este fenômeno ou fato em nossa sociedade, no qual acena-nos para a dependência dos meios virtuais, as quais têm e muito favorecido para que os homens substituíssem seus relacionamentos. Caminhamos para uma sociedade contemporânea onde possivelmente os relacionamentos sociais mediados pelas tecnologias de informação e comunicação e mídias possam ter mais valor do que a forma tradicional e convencional, produzindo assim, um homem egoísta e individualista.

Para Buber o homem necessita de relação efetiva, na qual promova o diálogo e encontro, pois ela “[...] possibilita um encontro dialógico sempre novo”. (BUBER, 1974, p. 17), ou seja, um crescimento e amadurecimento. Para tanto, essa forma relacional do EU e TU, tem sofrido interferências, fazendo com que a linguagem sucumba. Uma vez que o homem já não sinta mais a necessidade ou a falta do relacionamento essencial com o TU de forma efetiva e existencial, o mesmo ao longo de sua existência perderá a capacidade do relacionamento com o mundo e tão logo, com Deus, o TU eterno.

O filósofo alemão, fala-nos que de tudo o mundo do ISSO não é mal, quando utilizado e estabelecido um relacionamento saudável; assemelhando-se as próprias TIC’s e mídias, contudo, nessa crescente e iminente cultura do descartável, onde o TU é considerado objeto e líquido, este se torna mal, pois

[...] na medida em que o homem deixa subjugar-se por esta atitude, absorvido em seus propósitos, movido pelo interesse de pausar todos os valores de sua existência unicamente pelos valores inerentes a esta atitude, deixando, enfim, fenecer o poder de decisão e responsabilidade, de disponibilidade para o encontro com o outro, com o mundo e com Deus. (BUBER, 1974, p. 19).

Deixando o homem de promover esses encontros relacionais com o outro, com a natureza (mundo) e com Deus, o mesmo homem torna-se destruidor de si mesmo, torna-se “[...] arbitrário e submetido à fatalidade”. (BUBER, 1974, p. 19); pois afinal, a sua maior potencialidade que é a linguagem, está se suprimindo, deixando de ser verdadeiramente sua maior riqueza e potencialidade, deixando de ser a casa de seu ser. Assim vive o dependente virtual mediante o enfraquecimento das relações sociais, caminha para o seu próprio fim, deixando aos poucos e lentamente de ser verdadeiramente homem, pois afirma-nos Buber, que “se o homem não pode viver sem o “ISSO”, não se pode esquecer que aquele que vive

só com o ISSO não é homem”. (BUBER, 1974, p. 19), evidenciando que a dependência virtual é a exemplificação desse não ser mais homem, e sim uma mera ilustração ou holograma virtual desse ser humano.

O mundo do ISSO ou virtual, deveria ser um lugar e suporte, para experiência, conhecimento e utilização e não como um “TU virtual”, pois afinal nessa rede relacional

O Eu é uma pessoa e o outro é o TU, na segunda, o EU é um sujeito de experiência, de conhecimento e o ser que se lhe defronta um objeto. A esse segundo tipo de EU, Buber chama de ser egótico, isto é, aquele que se relaciona consigo mesmo ou o homem que entra em relação com o seu si - mesmo. (BUBER, 1974, p. 18).

Poderíamos afirmar que o meio digital e a globalização, tornaram o homem como um objeto?

Entendemos que sim. A dependência virtual impregnou o homem com a cultura do descartável, apresentado por Bauman, tirando do próprio homem a capacidade relacional sólida, dando espaço para um vazio existencial, que futuramente gerará profundas incertezas, patologias psiquiátricas tais como: solidão, timidez, fobia social, depressão, angústia, depressão, suicídio, tecnoestresse e afins; e patologias sociais e suas diversas formas de violência, tais como: *cyberbullying*, *sexting*, *sexcasting*, sextorsão e *grooming*. Temos também o surgimento de dois novos modelos de sociedades: exibicionismo e do desempenho/performance.

4. Retorno ao diálogo e a reciprocidade: possibilidade do reconhecimento do TU como caminho de superação da dependência virtual.

Inicialmente Martin Buber nos evidencia que faz necessário o homem contemporâneo e dependente virtual restabelecer relações com as três esferas do TU, sendo-as:

O mundo da relação se realiza em três esferas. A primeira é a vida com a natureza. Nesta esfera a relação realiza-se numa penumbra como que aquém da linguagem. As criaturas movem-se diante de nós sem possibilidade de vir até nós e o Tu que lhes endereçamos depara-se com o limiar da palavra. A segunda é a vida com os homens. Nesta esfera a relação é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o TU. A terceira é a vida com os seres espirituais. Aí a relação, ainda que envolta em nuvens, se revela, silenciosa, mas gerando a linguagem. (BUBER, p. 30, 1974).

Viu-se anteriormente que o relacionamento do homem contemporâneo com a natureza perpassa pela sua objetivação, coisificação e descarte; ideia esta provocada pelas ideias capitalistas e globais, que pautam-se nas lógicas consumistas de proporcionar e motivar o prazer e sua alucinação. Ainda, cria-se a mentalidade que a natureza está plenamente à disposição do homem para o seu total desfrute, não levando em consideração a sua preservação e manutenção, ou seja, a sua vida natural; rompendo assim, com a possibilidade da reciprocidade.

Esta certamente torna-se uma das primeiras formas em que o homem globalizado e contemporâneo inicia o seu desligamento com a natureza, seu primeiro TU; pois afinal, esta tornou nada mais do que uma coisa. Contudo, esse desligamento também provoca no próprio homem a sua impossibilidade de ser mais humano, ou seja, de exercer sua principal função, a relação; pois de fato entrega-se ao desejo inerente de ser máquina, de ser um destruidor, de ser criador e até mesmo de ser Deus.

Buber nos afirma que a relação da vida do homem com a natureza, possibilita-o “[...] classificá-la numa espécie e observá-la como exemplar de um tipo de estrutura e de vida”. (BUBER, p. 31, 1974); ou seja, é olhar com humanidade para com a estrutura natural que gera vida, que é detentora de vida, e que ele mesmo necessita; porém, a globalização torna-se maior e melhor, com todos os seus meios interativos e formidáveis, e logo, este mesmo homem abstrai essas estruturas naturais, preferindo obviamente as comodidades da globalização, eliminando a maior riqueza que é a vida própria e natural da natureza.

O homem contemporâneo e globalizado necessita voltar a reconhecer sua relação com a natureza de forma recíproca, pois afinal, sua capacidade de surpreender pelo natural, de se encantar pelo belo ou de notar a exclusividade proporcionada pela natureza foi ou está sendo sucumbida pela artificialidade/superficialidade da tecnologia pelo mundo “reprogramático” do virtual, fazendo com a vida torna-se objeto do mundo do “ISSO”. Para tanto, exige-se que se dê o primeiro passo, o de restabelecer o relacionamento com a natureza, diferentemente da postura adota atualmente, na qual visa destruí-la, explorá-la e descartá-la no final do processo utilitário e descartável, mas que o possibilite pensar a vitalidade da natureza que fala e comunica com o homem contemporâneo, possibilitando-o reconhecer a sua importância, tornando-o possível legitimar a sua exclusividade, vendo suas qualidades, suas substâncias, suas formas e manifestações, ou seja, sua integralidade que infere na vida

humana e na própria manutenção da globalização.

Esse relacionamento possibilitará ao homem resgatar sua humanidade, ou seja, reconhecendo e constituindo o seu próprio TU, tornando-o capaz de sentir e tocar, observar e ouvir e muito mais, contemplar as potencialidades da natureza, ou seja, esse reconhecimento faz com que este homem dialogue com sua humanidade, deixando para trás sua tendência/preferência capitalista de ser objetivar como máquina.

O relacionamento estabelecido por Buber entre o EU-TU, neste primeiro momento com a natureza, possibilitará ao homem sair de si, encantar-se novamente, se surpreender pelo natural, pois afinal a natureza não é

[...] uma impressão, um jogo de minha representação ou um valor emotivo. Ela se apresenta “em pessoa” diante de mim e tem algo a ver comigo e, eu, se bem que de modo diferente tenho algo a ver com ela. (BUBER, p. 31, 1974).

Tudo isto, para afirmar que a natureza é uma “pessoa”, na qual possui vida; e que através dessa concepção o homem começará a caminhar no reconhecimento de sua humanidade, a qual perpassa pelo TU, e tão logo, possibilitando-o ver que há muito tempo esteve longe de sua capacidade de comunicar-se e relacionar-se. Afinal, o homem e a natureza estão diretamente interligados, e “[...] que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade.” (BUBER, p. 31, 1974).

Após, proporcionar a necessidade do reconhecimento da primeira esfera do TU (natureza) como capacidade de envolvimento e relação, pode-se agora, o homem dependente virtual dar o seu segundo passo, pois já conseguiu ver a necessidade do diálogo e do respeito.

Agora, portanto, partamos para a segunda esfera do reconhecimento do TU do homem dependente e tão logo, pelo reconhecimento e relação com o outro, no qual o configura como TU. Para tanto, sabemos que o outro dentro do processo relacional do dependente virtual, em sua maioria torna-se também coisa/objeto, como visto no segundo capítulo, apropriando-se do outro em momentos convenientes, tão logo, descartando-o, o deletando através do clique e eliminando-o de minha existência. Frente a isto, Buber nos afirma:

O homem não é uma coisa entre coisas ou formado por coisas quando, estando EU presente diante dele, que já é meu TU, endereço-lhe a palavra-princípio. Ele não é um simples ELE e ELA limitado por outros ELES ou

ELAS, um ponto inscrito na rede do universo de espaço e tempo. Ele não é uma qualidade, um modo de ser, experienciável, descritível, um feixe flácido de qualidades definidas. Ele é TU, sem limites, sem costuras, preenchendo todo o horizonte. Isto não significa que nada mais existe a não ser ele, mas que tudo o mais vive em sua luz. (BUBER, p. 31, 1974).

O primeiro passo já foi dado, o de reconhecer que a natureza estabelece diálogo conosco com sua própria vida, não de forma consciente, mas evidente. Já aqui no segundo passo, faz-se necessário que o homem virtual elimine a sua capacidade de tomar o outro (TU) como objeto, pois este não pode ser reduzido a uma coisa. Buber evidencia que cabe ao homem definir como estabelecerá essa relação com o outro. Notamos nos capítulos anteriores, que o homem virtual deseja estabelecer a palavra-princípio EU-ISSO, contudo isto, não o cabe, pois este é o meu TU; e como TU não posso objetivá-lo, pois nele não há limites, ou seja, este outro é único e essencial.

Buber evidencia que o outro homem (2ª esfera do TU) é muito grande para ser reduzido a um objeto, tal como é feito nas relações sociais do século XXI, no qual se torna meio para um fim, ou seja, para atingir meus desejos, prazeres e vontades.

O filósofo nos faz enxergar que a objetivação do outro, promove o seu distanciamento, efeitos este produzido hoje pelas tecnologias de informação e mídias, pois de fato, faço do outro um objeto de experimento, e estabeleço com ele o princípio do mundo do “ISSO”. Tal afastamento/distanciamento traduz atualmente nas diversas patologias sociais e psíquicas apresentadas, pois afinal, desejo fazer do outro uma experiência de descarte, de prazer sexual, de sedução, de espectador e de platéia.

O verdadeiro relacionamento com o outro (TU) passa pelo diálogo, o qual gera vida, pois conseguimos nos reconhecer como homens frente à diversidade do outro, garantindo-lhe uma identidade própria; tal relacionamento não pode ser determinado, pois o outro (TU) é possuidor de características tanto quanto o EU, e sua objetivação é um mergulho na solidão e no isolamento, efeitos do distanciamento. Aqui nos cabem duas reflexões. Pensemos: assim como a natureza nos apresenta e fala de sua espécie e exclusividade, o homem tornando o outro (TU) como objeto, ele não estaria reduzindo a si mesmo?

Ou ainda: colocar o outro (TU) como um objeto não estaria afirmando e evidenciando que o EU pode ser um objeto pelo outro (TU)?

A resposta frente a esses questionamentos é positiva, pois afinal, reduzir a sua espécie a um objeto é eliminar do outrem (TU) suas potencialidades e tão logo, desconsiderar

que elas existem; assim tudo isto, também aplicaria ao EU que o gera e objetiviza.

Buber não concebe que o outro (TU) seja experienciado como um mero objeto, no qual eu o prove e tão logo, quando oportuno jogo-o, descarto-o e deleto-o da minha existência. O filósofo nos afirma que o “[...] EU se realiza na relação com o TU; é tornando EU que digo TU. Toda vida atual é um encontro”. (BUBER, p. 33, 1974). A relação com o outro se dá de forma recíproca, no qual o outro possibilita constituir a minha existência e vice-versa. Contudo, essa relação recíproca se dá “[...] face-face presente em pessoa [...]” (BUBER, p. 33, 1974), ou seja, para se restabelecer o relacionamento com o outro (TU) necessito de presença, e não só virtualidade, a qual vem aos poucos substituindo o existencial, como é evidente na vida do dependente.

O diálogo e a reciprocidade com o outro se dá de forma presencial, pois ela é capaz de gerar marcas que se perpetuam no presente e no passado, pois afinal a presença não é “[...] fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós”. (BUBER, p. 33, p. 1974). Para tanto, o tipo de relacionamento virtual estabelecido pelo dependente é vazio de sentido de presença, pois em suma, o outro é uma coisa, e como tal “[...] não é duração, mas estagnação, parada interrupção, enrijecimento, desvinculação, ausência de relação, ausência de presença”. (BUBER, p. 33, 1974). Portanto, podemos afirmar que a relação estabelecida pelo dependente virtual provoca a inexistência do outro (TU) como presença, e tal ausência, culminará no aparecimento das diversas patologias sociais e psíquicas, que na verdade provocará a sua estagnação, sua parada, que ocasionará sua morte.

Sem dúvida, se o homem dependente virtual não retornar para o reconhecimento do outro como seu TU, e tão logo, deixar-se penetrar por esse reconhecimento, o qual o constituirá, fará dele um ser egoísta e fechado em si, verdadeiramente pobre de espírito, que contaminado pelo seu vício torna-se impossível de reconhecer que o “[...] TU atua sobre mim assim como EU atuo sobre ele”. (BUBER, p. 35, 1974) e tão logo, de aceitar que o melhor caminho é o da relação recíproca entre ambos. (BUBER, 1974).

Portanto, o homem dependente virtual deve de forma emergencial realizar esses dois passos para inicialmente poder dar-se o direito de mergulhar em seu próprio reconhecimento, ou seja, seu TU. Para tanto, necessita do reconhecer não mais com os olhos da globalização e do capitalismo a natureza e o outro, que são expressões do TU, como coisas/objetos, e sim como possibilidades de relação e diálogo, pautando-se sempre na reciprocidade.

Por fim, torna-se claro que o melhor caminho a se tomar é o de não herdar do capitalismo e da globalização a tirania do “ISSO”, a qual é crescente e confusa, fazendo com que este mesmo homem, torne-se incapaz de se reconhecer em suas relações e sonhar, mergulhando-o no egoísmo, e tão logo, no egotismo, pois afinal, “[...] o homem não pode viver sem o ISSO, mas aquele que vive somente com o “ISSO” não é homem”. (BUBER, 1974, p. 42), e sim, máquina individualizada.

Considerações finais

Tendo realizado este trajeto de exposição sobre a problemática abordada, conclui-se que o homem contemporâneo pode estar caminhando para uma dependência virtual, implicando diretamente em suas relações sociais. Para isto, basta-nos observarmos o nosso cotidiano e relacionarmos com o que nos é escrito nesta monografia. No primeiro capítulo, trazemos a origem desta dependência virtual, bem como, o seu primeiro impacto apontado por Bauman, ou seja, a liquidez das bases deste usuário, principalmente a relacional. Basta-nos olhar em nosso próprio cotidiano; a vida tornou-se uma verdadeira aventura, com toda a sua dinamicidade e com toda a sua instabilidade e inovação, com toda a sua loucura e liquidez. Vivemos em uma sociedade plenamente fluída, onde o que era concreto e sólido tornou-se flexível e líquido, dando-se espaço para a invasão da cultura do descartável, ou seja, conseguimos frente a todo esse desenvolvimento e desejo de acompanhar tudo e todos, descartar pessoas, momentos, oportunidades, valores, ideias e a si mesmo, pois afinal, consigo tudo isto estando conectado, plugado, ligado e antenado em meu desejo egoísta de sobrevivência. Esqueço e descarto “tudo” e “todos” para estar com “todos” que representam em minha existência o “tudo”. Tudo isto através de um toque, de ligar ou desligar.

Frente a isto, no segundo capítulo evidenciamos que esta dependência tem surtido grandes e significativos problemas na vida humana. As patologias apresentadas evidenciam que o usuário dependente ao objetivar as relações, acaba por si só, objetivando-se a si próprio, tornando-se um ser doente. Muitas das patologias apresentadas circulam sobre a ótica do isolamento humano, sendo esta uma das primeiras características e sinais da dependência, no qual tende a ser singela e nociva, mas que ao final, resulta-se em grandes dificultadores, tais como: depressão, fobia social, tecnoestresse; além de promover também transformações sociais, até mesmo podendo chegar à própria fatalidade de sua existência humana. Portanto,

há uma mudança de comportamento social latente, o qual é apontado por esta monografia; uma sociedade performativa e cansada, que obtém muitas vezes como válvula de escape a promoção das diversas violências virtuais.

Por fim, apresenta-se um caminho mediante ao uso da filosofia de retorno ou superação desta dependência; o qual perpassa pela necessidade do reconhecimento do outro, possibilitando assim, estabelecer o princípio de reciprocidade, gerador de diálogo e de amor.

Para tanto, sabendo que não respondemos a tudo, devemos ampliar o horizonte de atuação acerca dessa problemática, na qual não deve e nem pode ser reduzida somente ao campo filosófico e psíquico. Sabendo desta realidade, pode-se apontar alguns possíveis campos de averiguação e pesquisa futura, tais como: uma classificação científica acerca da dependência, no qual especifique de forma clara e distinta, a diferenciação de usuário e dependente; os impactos da dependência virtual na vida acadêmica, uma vez, que muitos dos discentes passam a maior parte do tempo conectados as TIC's; a relação direta entre o suicídio e a dependência virtual, tendo em vista, que as TIC's tornam-se refúgio e até mesmo o ocasionador desse delito ou atentado, utilizando-se de jogos interativos como baleia azul e outros, para a promoção de tal acontecimento.

Pode-se ainda, pesquisar a relação entre a conectividade e o trabalho, uma vez, que o ambiente de trabalho persiste e invade a realidade familiar e o cotidiano, ambientes e momentos estes, propícios para o lazer, a tranquilidade e o desligamento. Outro ponto a fomentar, a possibilidade de uma vida “*off*” em meio a tamanha acessibilidade e dependência e quais seriam os seus impactos e transtornos. Outros possíveis pontos seriam voltados à depressão e sua relação com a dependência virtual; a relação da violência e agressividade com o uso exagerado das tecnologias de informação e comunicação; a superação da “morte” ou ociosidade dos idosos por meio da virtualidade, resultando-se futuramente em dependência; e por fim, a crise na instituição familiar por meio da dependência virtual.

Pois afinal, a problemática abordada não se torna objeto exclusivo da filosofia, devem ser também abordada pelas demais áreas do conhecimento, as quais apresentarão possíveis caminhos para tal fenômeno social e moderno.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Medo líquido**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução Lambert Schneider. 8ª ed. São Paulo: Moraes, 1974.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Cristãos leigos e leigas na igreja e na sociedade**: texto aprovado pela 54ª. Assembléia Geral. São Paulo: Paulinas, 2005. 184p. (Documentos da CNBB, 105).

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

RICH, Michael. *As mídias e seus efeitos na saúde e no desenvolvimento de crianças e adolescentes: reestruturando a questão da era digital*. In: ABREU, Cristiano Nabuco *et al.*(Org). **VIVENDO ESSE MUNDO DIGITAL**: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2013. P. 31-46.

RODRIGUES, Ana Maria da Silva; OLIVEIRA, Cristina M. V. Camilo de; FREITAS, Maria Cristina Vieira de. **Globalização, cultura e sociedade da informação**. Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 97-105, jan./jun. 2001. Disponível em: <<
http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/globalizacao_cultura_e_sociedade_da_informacao_2.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2018.